

FORUM SOCIAL MUNDIAL : PORTO ALEGRE 2001

Flavio Villaça
Professor Titular de Planejamento Urbano
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP

Alguns dias antes do início do Forum Social Mundial em Porto Alegre, o eminente jornalista Clovis Rossi, declarava em sua coluna da *Folha de São Paulo* que dificilmente haveria um *Consenso de Porto Alegre* (em oposição ao de Washington). Dizer isso depois do Forum passou a ser fácil. Antes, não tanto.

Mas parece ter havido um quase consenso sim. O de que o Forum Social Mundial reunido pela primeira vez em Porto Alegre, marca uma nova etapa na história universal. Uma etapa marcada por uma globalização insuspeitada e que está passando despercebida. A globalização dos pobres e oprimidos. No *Le Monde Diplomatique* de janeiro último, Ignacio Ramonet começa seu artigo de capa com a frase: “Um novo século começa em Porto Alegre”.

Certamente não houve consenso de que o Forum Social Mundial reunido em Porto Alegre teria marcado:

- O início do fim do capitalismo
- O início do fim da globalização excludente
- A retomada da luta pelo socialismo
- O início do fim da opressão dos pobres pelos ricos.
- O início do fim da desigualdade entre pobres e ricos do mundo.

Ora, se sobre essas questões fundamentais não houve consenso como é possível acreditar-se que Porto Alegre 2001 tenha marcado uma nova etapa na história dos homens? Em grande parte, não houve consenso não houve consenso quanto às questões fundamentais acima, pelo fato de que muitos dos grupos reunidos em Porto Alegre não tinham essas questões como objetivos. de suas lutas. O Forum foi pluralista demais.

Simplificadamente é possível agrupar as forças presentes em Porto Alegre em três categorias:

- 1 Aquelas cujos objetivos nada (ou muito pouco) têm a ver com o fim ou com o “aprimoramento” do capitalismo, do neo-liberalismo, ou da globalização (em qualquer de suas manifestações). . Havia em Porto Alegre oficinas sobre assuntos tão díspares, como, por exemplo, *Arquitetura e ecologia social*, *Memória dos Bairros*, *Racismo no Brasil*, *O acidente e a morte no trabalho*, *Visão crítica à AIDS*, *Trabalho infantil*, apenas para mencionar alguns exemplos, além de movimentos feministas pela legalização do aborto e de gays clamando pelo fim dos preconceitos.

- 2- Aquelas que querem “aperfeiçoar o”, “civilizar o” ou “corrigir os defeitos do” neoliberalismo, da globalização e do capitalismo. Representantes desta categoria estiveram tanto em Davos (o próprio Sr. George Soros é um deles) como em Porto Alegre.
- 3- Aqueles que acreditam que o capitalismo – e portanto suas atuais manifestações como o neoliberalismo e a globalização excludente e opressora – é intrinsecamente excludente, opressor, produtor e disseminador da injustiça. Estes só estavam em Porto Alegre, embora a recíproca não seja verdadeira.

Provavelmente as duas últimas correntes acima tenderão a dominar nos futuros Foruns Sociais Mundiais. Elas são as mais fortes e as de maior expressão global.

É sobre papel dessas duas correntes na história que cabe refletir.

A luta que se iniciou em Porto Alegre é uma luta pela ética no capital? É uma luta cujo objetivo é a conscientização dos capitalistas para que eles não “estuprem” mais os países, nem destruam suas economias, como fizeram com os do leste asiático nas crises de 1997/98, como afirmou em Davos o sr. Shintaro Ishihara, prefeito de Tóquio? (FSP, 27/01/2001, pg. A-8). Que o capitalismo precisa ser aperfeiçoado, até o Sr. George Soros não só concorda, como até apresentou uma pauta de 4 medidas concretas para tanto (FSP, 30/01/2001, pg. A-8). Pode até ser que algumas dessas conquistas sejam conseguidas, mas a busca do lucro acima de qualquer valor – e não a solidariedade e a ética - continuará a ser o valor supremo do capitalismo enquanto houver capitalismo.

Civilizar e aperfeiçoar o capitalismo é coisa que já vem sendo feita (não tentada: feita de fato) há mais de dois séculos.. Conquistas como o direito de greve, direito a férias remuneradas, direitos da gestante, descanso semanal remunerado, jornada de trabalho, trabalho de crianças etc. etc. são seculares “aperfeiçoamentos” do capitalismo conquistados com sangue suor e lágrimas. Se, apesar dessas conquistas, a Sra. Hebe de Bonafini da ONG Mães da Praça de Maio chama, perante os olhos e ouvidos do mundo, os capitalistas de monstros e assassinos de crianças, parece que o capitalismo ainda não se civilizou. Porquê acreditamos que os nossos reclamos de hoje vão – final e definitivamente – civilizar o capitalismo? O capitalismo, o uso que ele faz da globalização e o neoliberalismo, sob pressão dos Foruns Sociais Mundiais, vão passar a ser éticos?. Vão deixar de ser excludentes e opressores? Vão suspender a produção de transgênicos enquanto não ficar definitivamente provado que são inofensivos? Vão respeitar o meio ambiente nos países pobres? Vão acabar com os paraísos fiscais? O FMI vai deixar de ser um “monstro frio” como disse a sra. Danielle Miterrand?

Mesmo que conseguidas, todas essas conquistas estarão para o século XXI assim como as conquistas dos direitos a férias remuneradas, a abolição do trabalho infantil, o descanso semanal remunerado, ou a regulamentação da jornada de trabalho estiveram, para o século XIX. Todas essas conquistas foram “aperfeiçoamentos” do capitalismo. .

Houve protestos contra a barbárie do capitalismo durante o colonialismo. Houve protestos contra a barbárie do capitalismo durante o imperialismo e continuará havendo há protestos contra a barbárie do capitalismo durante o globalismo

... e voltamos à estaca zero. Nada de estrutural mudou. no capitalismo nos últimos 200 anos com as lutas por sua ética. Só o fim do capitalismo trará o fim de suas barbáries, que são históricas. Aqui é necessário ser radical.

É realmente impressionante a ânsia, a precipitação, o açodamento, o preconceito e a quase euforia com que muitos intelectuais e pseudo-intelectuais e a mídia saúdam os supostos fins do marxismo e do socialismo. Qualquer resquício. de pensamento marxista, mesmo que para criticamente atualiza-lo, é preconceituosamente classificado de atrasado, rançoso e com cheiro de naftalina. Os que o adotam, são debochada e freqüentemente rotulados de “viúvas de Marx” e outros chavões do gênero. Esse pensador, por outro lado, foi taxado de superado e seu pensamento por muitos declarado obsoleto, com um misto de alívio e alegria, como jamais ocorreu com qualquer pensador na história humana. Parece que ninguém se empenhou em declarar superados Hegel, Kant ou Descartes.... mas Marx não! Mencioná-lo significaria passar atestado de atraso. O mesmo ocorre com o socialismo.

Uma significativa parcela de intelectuais e pseudo-intelectuais e da mídia se insere hoje na segunda categoria presente em Porto Alegre e acima indicada. Em suas reivindicações, clamam pela reforma ou aperfeiçoamento do capitalismo, jamais pela sua superação

Os rumos atuais da sociedade global e do neo-liberalismo foram muito influenciados pelos recentes desdobramentos (movimentos) do capitalismo que, por sua vez, foram precipitados pelo fim da União Soviética e sua experiência socialista. Refiro-me aos desdobramentos representados pelo pensamento único, pelo fim da história, pelo consenso de Washington, pela globalização excludente, pelo declínio das macro-teorias e, claro, pelo néo-liberalismo.

Destaquemos alguns desses impactos na esfera da especulação teórica. Em **primeiro lugar**, seu o impacto sobre as macro teorias e conseqüentemente sobre a produção teórica crítica sobre o Modo Capitalista de Produção e suas transformações. Esse impacto tem sua manifestação mais abrangente, mais universal, no declínio das macro teorias. O Materialismo Histórico está em declínio. Estão estagnadas a especulação crítica sobre as mais profundas transformações da forma de organização social dos homens e suas determinações. Da história enfim. Na verdade o que choca, não é bem o declínio do materialismo histórico, mas o fato desse declínio não ser acompanhado do desenvolvimento de nenhuma outra macro teoria que o substitua. Ora, como o Materialismo Histórico é (ou era?) a única macro-teoria existente, sem ele ficamos órfãos de macro teorias.

Essa orfandade está provocando o declínio da análise crítica radical, - pela raiz, - do capitalismo e da sociedade contemporâneos. Ora, o fim da União Soviética e sua experiência socialista tiveram, como um de seus desdobramentos, a decretação da eternidade do capitalismo. Claro que o capitalismo se transforma; claro que está sempre se

alterando; claro que ele não é hoje como era há 20, 40 ou 80 anos atrás.... mas permanece sempre capitalismo e enquanto tal passou a ser eterno. O que antes era colonialismo passou a ser imperialismo e hoje é globalização; o que eram as multinacionais, hoje são as transnacionais ou o capital financeiro volátil. O fim da União Soviética passou ao mundo a idéia – fortemente acalentada e nutrida pelas forças conservadoras - de que definitivamente não há outra alternativa de organização de nossas sociedades que não seja através do capitalismo. Ou seja, o capitalismo é eterno.

Se é eterno, para que entender suas raízes profundas e suas mudanças ? Para que entender a sua história, ou seja as leis que regem suas transformações.? Basta que registremos tais transformações, sem haver necessidade de entender seus motores profundos. Se é eterno, para que interessa então a história, que é precisamente a ciência que estuda as transformações sociais, inclusive as profundas? Afinal, o estudo da história só tem sentido se jogar alguma luz sobre o futuro. Qual o futuro do capitalismo? Se ele é eterno essas perguntas são acacias. Então, não é surpreendente que já tenha sido decretado o fim da história. Para que servem as grande teorias, como o materialismo histórico ou a economia política, enquanto ciência dos modos de produção, que estudam as profundas transformações da sociedade humana, se não se cogita mais de tais profundas transformações?

Em **segundo lugar**, se o capitalismo é eterno (claro, é bom repetir, sempre se alterando, porem sempre capitalismo) inútil e desnecessário falar-se de suas grandes manifestações – como a atual globalização excludente - ou critica-las radicalmente. Eu já ouvi surpresa, declarações de um jovem militante político e brilhante pesquisador e intelectual de esquerda, a seguinte afirmação: “Não adiante ficar discutindo globalização. Ela está aí “pra ficar”! Isso em uma análise do que, na globalização, veio para ficar (o progresso tecnológico, por exemplo) o que não veio para ficar (a exclusão). Essa não era, por exemplo, a posição que a intelectualidade de esquerda tinha nos anos 70, a respeito do imperialismo. Nenhum intelectual de esquerda desistia de analisar, criticar, procurar entender e mesmo combater o imperialismo porque ele estava ai “pra ficar”. Havia as macro teorias, havia a produção teórica **critica** e portanto havia o pensamento científico e objetivo, voltado para os movimentos da história, voltado para o futuro. Muito da globalização está mesmo aí pra ficar, mas isso não a isenta de uma análise radical. Sem essa análise, só resta a inanição e o fatalismo. Como nos posicionarmos diante dela sem tal análise?

Aliás, cabe destacar marginalmente, o cuidado que teve a ideologia capitalista globalizada de não deixar que a expressão – globalização - adquirisse qualquer conotação negativa ou pejorativa, como teve sua antecessora, o *imperialismo*. Para o pensamento universal dominante, a expressão globalização passou a ter uma conotação positiva de progresso e evolução, coisa que não ocorreu com a expressão “imperialismo”.

Em **terceiro lugar**, e em conseqüência, o período que atravessamos é um período intelectualmente pobre. Com impressionante facilidade, irresponsabilidade e rapidez, pretende-se destruir teorias e conceitos forjados ao longo de dois séculos, sem ter nada que os substitua. As teorias não são destruídas por novas teorias antagônicas, mas quase sempre por preconceito e modismos intelectuais. O marxismo também não é eterno. É claro que ele

se transforma e um dia chegará à suprema transformação que é a morte. Mas só se supera toda uma linha de pensamento que levou 200 anos para se constituir, que foi produzida por gerações e gerações de pensadores, sucessões de mestres e discípulos, apoiando-se uns nos outros, só se supera uma tal linha, com uma nova seqüência de grandes pensadores que venha a constituir, ao longo de muitas décadas, uma nova linha de pensamento que, a medida que se fortaleça e avance, passe a superar a primeira..., e isso está longe de estar acontecendo. Conceitos e teorias histórico-materialistas são ditas superadas e fora de moda, não com base em uma nova corrente de conhecimento, progressivamente constituída por trabalho coletivo universal, mas com base em pensamentos avulsos e superficiais de autores medianos, quando não em modismo e preconceito.

A sensação que se tem é que houve uma espécie de cansaço intelectual e político generalizado. Mesmo pensadores progressistas e certamente muitos políticos, estão cansados de esperar. A história está demorando demais. As mudanças estão demorando demais. Para os que gostam de apontar os erros de Marx, aqui vai mais um. Se há coisa em que ele se enganou foi quanto ao fôlego e a capacidade de sobrevivência do capitalismo.

Sem as macro teorias e sem a história das mais profundas transformações da sociedade humana a crítica que cabe ao capitalismo e seus desdobramentos passa a ser apenas superficial. Não pela raiz. Não radical. É esse tipo de crítica - fundamentada na ética - que se instala na segunda categoria acima, e que certamente estará presente em futuros Foruns Sociais Mundiais.

O fim da história é o fim do futuro. Vivemos num mundo sem futuro, num mundo que só vive do passado. O que é o mundo do pós- industrial, do pós socialismo, do pós moderno, do pós marxismo, do pós fordismo, do pós comunismo? É um mundo que só se reporta ao passado, só tem o passado como referência. É o mundo do pensamento único, do Consenso de Washington, do fim da história. É um mundo perdido, sem rumo, sem paradigmas. É o mundo sem futuro.

O século que se inicia em Porto Alegre 2.001 será sim, o século da globalização. Da globalização dos pobres e oprimidos e que enfrentará a globalização dos ricos e opressores. Esta será a oposição que marcará o século XXI, que substituirá a luta de classes clássica e que está apenas se iniciando. Será o século da globalização, por exemplo do sindicalismo que, através da Conferência Internacional dos Sindicatos, com sede em Bruxelas, já está enfrentando a Organização Mundial do Comércio. Será o século da internacionalização, ou da globalização das greves. Será também o século das ONGs, agente novo, cujo papel na história ainda está por ser teorizado.

No mundo dos séculos XIX e XX o marxismo acreditava que a história era a história da luta de classes e que estas eram de um lado o operariado expropriado de parte da riqueza que produzia, e de outro, os capitalistas, que indevidamente se apropriavam dessa parte. Tudo isso será globalizado no século que se inicia. O século XXI assistirá, não a luta entre países exploradores e explorados, mas a luta entre a classe exploradora internacional, planetária, global e os explorados (e seus aliados) internacionais, planetários, globais. Os protestos em Seattle e Praga já mostram isso.

Além de toda a nova experiência que estamos vivendo e da qual Porto Alegre 2001 é um ponto de inflexão, o futuro da sociedade global e as especulações sobre ele precisam muito de produção teórica, pois a teoria até aqui produzida vem se enquadrando mais no “aperfeiçoamento” do capitalismo do que na sua superação. Com a palavra, a teoria,...mas a teoria radical.

A globalização deste século será então a globalização dos explorados. Uma globalização prevista há mais de um século, por um filósofo que disse, “Proletários de todos os países, uni-vos!”